

CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE CRISTÃ PRIMITIVA: AÇÃO DO ESPÍRITO EM ATOS 2:42-47

Adolfo Semo Suárez¹
Vamberto Marinho de Arruda Junior²

Resumo

Este artigo investiga como Atos 2:42-47 descreve uma comunidade de fé que opera no poder do Espírito Santo, refletindo a realização prática da missão cristã após o Pentecostes. A problemática central é a dificuldade enfrentada por muitas igrejas contemporâneas em unir fidelidade doutrinária e vitalidade espiritual com relevância social. Para isso, emprega-se uma análise exegético-teológica da perícopes de Atos 2:42-47 em seu contexto literário, histórico e teológico, com atenção especial à teologia lucana do Espírito e da missão. A leitura proposta destaca que as ações da igreja primitiva não são estratégias humanas, mas frutos do agir do Espírito. Os resultados revelam características essenciais de uma comunidade cristã moldada pelo Espírito: ensino apostólico, comunhão, partilha, oração, reverência, adoração pública, testemunho e crescimento. Conclui-se que esses elementos, interpretados em seu contexto pneumatológico, podem inspirar um modelo teológico de espiritualidade e missão para a igreja atual.

Palavras-chave: Atos dos Apóstolos; Espírito Santo; Pentecostes; comunidade cristã; teologia de Lucas.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 01/07/2025

Aprovado: 31/07/2025

Como citar: SUÁREZ, A. S.; ARRUDA JUNIOR, V. M. Características da comunidade cristã primitiva: ação do Espírito em Atos 2:42-47. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 1-37, e1673, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1673>

¹ Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo; Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. É *visiting professor* do programa Master in Leadership, da Andrews University (Berrien Springs, MI, EUA). E-mail: adolfo.suarez@adventistas.org.

² Doutorando e mestre em Teologia pela PUC-SP. Bacharel e mestre (*intracorpore*) em Teologia Bíblica pelo SALT-UNIAENE. Especialista em Sagradas Escrituras pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos e em Interpretação e Ensino da Bíblia pelo. Bolsista CAPES. E-mail: prvambertojr@gmail.com.



CHARACTERISTICS OF THE EARLY CHRISTIAN COMMUNITY: THE WORK OF THE SPIRIT IN ACTS 2:42-47

Abstract

This article investigates how Acts 2:42-47 describes a faith community that operates through the power of the Holy Spirit, reflecting the practical outworking of the Christian mission after Pentecost. The central issue addressed is the difficulty many contemporary churches face in uniting doctrinal faithfulness and spiritual vitality with social relevance. To this end, an exegetical-theological analysis of the pericope in Acts 2:42-47 is employed, considering its literary, historical, and theological contexts, with special attention to Lukan pneumatology and missiology. The proposed reading emphasizes that the actions of the early church are not human strategies but fruits of the Spirit's work. The findings highlight essential characteristics of a Spirit-shaped Christian community: apostolic teaching, fellowship, sharing, prayer, reverence, public worship, witness, and growth. It is concluded that these elements, interpreted within their pneumatological framework, can inspire a theological model of spirituality and mission for today's church.

Keywords: Acts of the Apostles; Holy Spirit; Pentecost; Christian community; Luke's theology.

CARACTERÍSTICAS DE LA COMUNIDAD CRISTIANA PRIMITIVA: LA ACCIÓN DEL ESPÍRITU EN HECHOS 2:42-47

Resumen

Este artículo investiga cómo Hechos 2:42-47 describe una comunidad de fe que opera por el poder del Espíritu Santo, reflejando la realización práctica de la misión cristiana después de Pentecostés. El problema central abordado es la dificultad que enfrentan muchas iglesias contemporáneas para unir fidelidad doctrinal y vitalidad espiritual con relevancia social. Para ello, se realiza un análisis exegetico-teológico de la perícopa de Hechos 2:42-47, considerando su contexto literario, histórico y teológico, con especial atención a la pneumatología y a la teología de la misión en Lucas. La lectura propuesta enfatiza que las acciones de la iglesia primitiva no son estrategias humanas, sino frutos del actuar del Espíritu. Los resultados revelan características esenciales de una comunidad cristiana moldeada por el Espíritu: enseñanza apostólica, comunión, generosidad, oración, reverencia, adoración pública, testimonio y crecimiento. Se concluye que estos elementos, interpretados dentro de su marco pneumatológico, pueden inspirar un modelo teológico de espiritualidad y misión para la iglesia actual.

Palabras claves: Hechos de los Apóstoles; Espíritu Santo; Pentecostés; comunidad cristiana; teología de Lucas.



INTRODUÇÃO

A busca por uma igreja que seja ao mesmo tempo fiel à doutrina cristã e espiritualmente viva é um anseio presente em muitas comunidades de fé contemporâneas. Contudo, frequentemente, observa-se uma dicotomia entre ortodoxia teológica e vitalidade espiritual, bem como entre formação doutrinária e relevância missionária. Como superar esse impasse?

Este artigo propõe uma reflexão exegético-teológica sobre Atos 2:42-47, à luz do seu contexto imediato (Atos 1–2) e do arcabouço teológico de Lucas-Atos, para compreender como a primeira comunidade cristã, após o Pentecostes, viveu sua fé de forma integral. A perícopes em questão não oferece uma lista normativa de ações, mas testemunha o que o Espírito Santo é capaz de operar em uma comunidade que se submete à soberania de Cristo ressuscitado.

O problema abordado, portanto, não é apenas prático, mas teológico: como compreender a natureza da igreja primitiva à luz da obra do Espírito e quais princípios teológicos podem ser extraídos dessa compreensão para inspirar a vida e missão da igreja nos dias atuais? Para isso, este estudo adota como metodologia a análise exegética do texto de Atos 2:42-47, em diálogo com autores clássicos e contemporâneos da teologia bíblica e da teologia do Espírito.

O referido texto situa-se logo após o Pentecostes, como uma descrição da eficaz influência do Espírito Pentecostal (cf. Lange *et al.*, 2008, p. 58) na vida das pessoas da primeira igreja, a igreja apostólica. Havendo descrito as maravilhas do derramamento do Espírito Santo, e tendo narrado o poderoso sermão cristocêntrico de Pedro, Lucas mostra os efeitos práticos do Pentecostes descrevendo de maneira clara e bela como o Espírito preencheu a vida da igreja.

É claro que a igreja não o começou naquele dia, e seria incorreto denominar o Dia de Pentecostes como o “dia do nascimento da igreja”, pois a igreja, como povo de Deus, retrocede ao menos quatro mil anos até Abraão. O que aconteceu no Pentecostes foi que o remanescente do povo de Deus tornou-se o corpo cheio do Espírito de Cristo (Stott, 1994, p. 81).

O texto bíblico de Atos 2:42-47, que estudaremos neste artigo, diz:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam



Características da comunidade cristã primitiva: ação do Espírito em Atos 2:42-47

estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos (Bíblia, At 2:42-47).

CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA E TEOLÓGICA

Como o livro de Atos dos Apóstolos é a continuação do Evangelho de Lucas,³ as duas obras precisam ser olhadas, pelo menos em um foco macro, como tendo uma estrutura geral unificada. O aspecto geográfico aparece como preponderante nessas obras, algo que Blomberg resume desta maneira, no quadro 1:

Quadro 1 – Esboço geral de Lucas-Atos

O nascimento de Jesus no contexto da história mundial e do governo romano
Jesus na Galileia
em Samaria e Judeia
em Jerusalém
O núcleo de Lucas-Atos: ressurreição e ascensão
a igreja em Jerusalém
na Judeia e em Samaria
ao longo do mundo gentio
a pregação do evangelho por Paulo chega até Roma

Fonte: Adaptado de Blomberg (2009, p. 191).

No caso do Terceiro Evangelho, o hagiógrafo construiu um quiasmo (estrutura concêntrica) unindo-o com o livro de Atos e tendo um enfoque geográfico, em que a cidade e os eventos ocorridos em Jerusalém ficam num centro. Essa organização geográfica centralizada em Jerusalém, segundo Blomberg (2009, p. 190), destaca que “a ressurreição e a ascensão, duas vezes narradas [Lc 24 e At 1], formam o núcleo do ‘querigma’ (proclamação) cristão para Lucas”. E esses eventos, morte-ressurreição, estão presentes no primeiro sermão pós-Pentecostes, o sermão de Pedro. É na igreja em Jerusalém que se tem uma bela e forte descrição da primeira

³ Bovon (1989, p. 14) afirma: “A obra é composta por dois livros de igual extensão (duração média da época, provavelmente por razões econômicas). Enquanto o primeiro descreve a vida de Jesus, o segundo ilustra a difusão da nova mensagem por meio de algumas testemunhas importantes.” Rodríguez Carmona (2008, p. 279-281) esclarece que, na primeira metade do século 20, há um entendimento sobre a unidade de Lucas-Atos; e, em outra obra (Rodríguez Carmona, 2012, p. 267), reafirma o que declara sobre a unidade alcançada no século 20 (2008), embora faça a ressalva de que tal fato é aceito “pela maioria dos exegetas” (grifo nosso). Aune (1989, p. 77, tradução nossa) assevera que “o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos originalmente constituíam uma obra de dois volumes de um único autor”. Blomberg (2009, p. 188-191) apresenta os dois livros como sendo obra de um mesmo autor e enfatiza o aspecto geográfico como item unificador.



Características da comunidade cristã primitiva: ação do Espírito em Atos 2:42-47

comunidade cristã (At 2:42-47), descrição que mostra o resultado do agir do Espírito na vida dos primeiros crentes.

A questão estrutural é importante para entendermos a mensagem de qualquer texto bíblico, pois o autor comunica seu propósito e o significado de suas palavras tanto pelo texto quanto pela estrutura literária escolhida por ele, como explica Grenzer:

Todo bom poeta conduz seu leitor, primeiramente, pela forma que dá a seu texto. Portanto, a análise literária não é apenas uma experiência estética, no sentido de ler-se algo bonito e artisticamente composto, mas é a forma do texto que faz o leitor perceber o que é importante em relação ao conteúdo. O que é repetido, oposto, colocado no centro, etc., recebe um maior destaque, exigindo atenção especial do ouvinte (Grenzer, 2006, p. 29).

Com isso em mente, passa-se agora à visão geral da estrutura de Atos 1-2, pois Atos 1 “oferece uma breve introdução à narrativa do derramamento pentecostal do Espírito e sua sequência” (Bruce, 1988, p. 28), e Atos 2 trata do Pentecostes e a igreja que surge desse evento. Polhill descreve essa unidade literária:

Os dois primeiros capítulos de Atos giram em torno do milagre de Pentecostes. Tudo no capítulo 1 está relacionado a esse evento. O Jesus ressuscitado instruiu os apóstolos a aguardarem em Jerusalém a vinda do Espírito Santo (1:4-5). Imediatamente antes de Sua ascensão, Ele os comissionou para uma missão mundial e prometeu que seriam capacitados para isso pelo Espírito Santo (1:8). Após a ascensão, os apóstolos retornaram a Jerusalém, ao cenáculo, e se engajaram em oração fervorosa, aguardando o Espírito prometido (1:12-14). Mas era necessário que o círculo apostólico de testemunhas estivesse completo para que todos pudessem experimentar o dom do Espírito, e Matias foi escolhido para substituir Judas (1:15-26). Então, o Espírito veio com grande poder (2:1-5). Os apóstolos, cheios do Espírito, começaram a testemunhar a uma grande multidão, que representava “todas as nações debaixo do céu”; e todos na multidão ouviram isso em suas próprias línguas nativas (2:6-13). Como porta-voz dos apóstolos, Pedro aproveitou a oportunidade para proferir seu primeiro sermão em Atos (2:14-40), e 3 mil foram condenados e batizados (2:41). A “igreja” recém-nascida consolidou-se pelo desenvolvimento de uma comunidade unida de aprendizado, adoração e partilha; e o Espírito do Senhor continuou a abençoar seu testemunho, aumentando seu número diariamente (2:47). Toda a narrativa de Atos que se segue mostrará o alcance cada vez maior de seu testemunho à medida que eram guiados e capacitados pelo Espírito Santo (Polhill, 1992, p. 77-78).

Diante disso, é possível compreender que a narrativa de Atos 1–2 não apenas prepara o leitor para o evento do Pentecostes, mas também estabelece um modelo teológico fundamental que permeará todo o livro: *a igreja nasce, se move e cresce mediante o poder do Espírito Santo*.



Nesse sentido, os capítulos iniciais de Atos funcionam como *fundamento literário e teológico* para toda a história da igreja primitiva. Atos 1 apresenta a promessa do Espírito e a restauração do colégio apostólico como condições para a continuidade da missão de Jesus. Atos 2 relata o cumprimento da promessa, o derramamento do Espírito e sua imediata consequência: a formação de uma comunidade caracterizada por adoração, comunhão e missão.

A unidade entre a obra do Espírito e a vida comunitária dos primeiros cristãos não é uma justaposição accidental, mas parte essencial da teologia lucana. A igreja que ora, partilha, ensina, cresce e testemunha não o faz por estratégia humana, mas como desdobramento direto da presença do Espírito. Nesse ponto, Joel Green (2011, p. 40) afirma que “a comunidade cristã emerge como uma manifestação concreta do Reino de Deus, viabilizada pelo dom escatológico do Espírito”.

Com isso, Atos 2:42-47 deve ser interpretado *não como uma prescrição normativa de condutas eclesiais*, mas como uma *descrição teológica* daquilo que o Espírito realiza na comunidade que se rende ao senhorio do Cristo exaltado. A perícope está organicamente ligada ao evento do Pentecostes e representa, de forma condensada, os efeitos da proclamação do evangelho e da atuação contínua do Espírito na igreja nascente.

É à luz dessa estrutura e desse enquadramento teológico que se propõe, a seguir, uma análise exegética de Atos 2:42-47, buscando compreender como essa comunidade primitiva encarna, no poder do Espírito, o ideal do Reino proclamado por Jesus.

Não é coincidência que, com a chegada do Espírito no Pentecostes, comecemos a ver (nos resumos de Lucas sobre a igreja de Jerusalém em Atos 2:42-47; 4:32-35; 5:12-16, e em outros lugares) a comunidade dos seguidores de Jesus vivendo de modo que reflete as esperanças de restauração de Israel. Isso se deve precisamente ao fato de que Lucas entende o Espírito de profecia como essencialmente o que Wenk chama de “poder formador de comunidade” (Turner, 2005, p. 281).

Para Lucas, o Espírito é o próprio Deus em ação, como pessoa divina que se revela de forma dinâmica — abordando o ser humano, surpreendendo-o, concedendo sonhos e revelações, conduzindo-o por caminhos imprevistos e manifestando-se em formas e contextos inesperados. Por meio do Espírito, Cristo torna-se quase



palpavelmente presente; o crente é envolvido por uma compreensão profunda e transformadora; brotam louvor e alegria; surge sabedoria especial em tempos difíceis; e, por vezes, palavras proféticas são inspiradas. Mais amplamente, o Espírito capacita os fiéis a anunciarem as boas-novas do Deus que realizou maravilhas em Cristo (Turner, 2005, p. 289).

NUANCES EXEGÉTICAS DE ATOS 2:42-47

Análise literária de Atos 2:42-47 (termos-chave, estrutura, verbos e sintaxe)

Termos-chave no texto grego (com significado e implicações)

ἦσαν δὲ προσκατεροῦντες — “perseveravam” (At 2:42). A expressão inicial da perícopa combina o verbo auxiliar ἦσαν (imperfeito de εἰμί, “eles estavam”) com o particípio presente ativo προσκατεροῦντες (de προσκατερέω,⁴ “segurar firme, suportar, estar perpetuamente pronto, perseverar em” [Balz; Schneider, 1990-, p. 172]), formando uma construção perifrástica (verbo ser + particípio) típica do grego de Lucas.⁵ Essa estrutura verbal transmite com clareza a ideia de ação contínua e habitual no passado, indicando que os membros da comunidade cristã nascente se mantinham constantemente dedicados às práticas descritas a seguir — ensino, comunhão, partilha do pão e orações. O uso do particípio presente sugere uma atitude duradoura e deliberada, enquanto o imperfeito reforça que tais ações faziam parte da rotina diária e coletiva daqueles que haviam recebido o Espírito. Lucas, assim, descreve não um episódio pontual, mas o estilo de vida persistente de uma comunidade moldada pela presença do Espírito.

⁴ “Há 10 ocorrências no Novo Testamento, seis delas no livro de Atos. Sob a influência da forma simples κατερέω (‘ser forte / firme’), o verbo composto também possui frequentemente o sentido secundário de *perseverança decisiva ou inabalável*. Isso se torna particularmente claro em expressões como προσκατερέω τῇ προσευχῇ (At 1,14, com o advérbio ὁμοθυμαδόν; At 6,4: τῇ προσευχῇ καὶ τῇ διακονίᾳ; Rm 12,12: com τῇ θλίψει ὑπομένοντες; Cl 4,2) e de modo semelhante em προσκατεροῦντες τῇ διδαχῇ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς (At 2,42). Nessas passagens, προσκατερέω enfatiza a *perseverança constante e submissa*, bem como a *tenacidade de um grupo coeso, voltado coletivamente para objetivos específicos*; isso também inclui Atos 2,46: καθ’ ἡμέραν προσκατεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ, “dia após dia perseverando unânimes no templo” (Balz; Schneider, 1990-, p. 172, grifo e tradução nossa).

⁵ “A perífrase *ēsan proskarterountes* (como em 1:14; 2:46; 6:4; 8:13; 10:7) poderia ser traduzida como “perseveravam em”. Em tais resumos, Lucas deseja mostrar padrões de comportamento contínuos e consistentes. Os quatro elementos listados neste versículo são elaborados pelos versículos 43-47” (Johnson, 1992, p. 58, tradução nossa).



διδασχὴ τῶν ἀποστόλων – “ensino dos apóstolos”.⁶ Refere-se não a qualquer ensino, mas ao conteúdo autoritativo transmitido pelos apóstolos como testemunhas de Jesus. Esse ensino constitui o *fundamento doutrinário* da nova comunidade, como expressa Bruce:

A comunidade, a comunhão apostólica, foi constituída com base no ensinamento apostólico. Esse ensinamento era autoritativo porque era o ensinamento do Senhor comunicado por meio dos apóstolos no poder do Espírito. Para os crentes das gerações posteriores, as Escrituras do Novo Testamento constituem o depósito escrito do ensinamento apostólico. A sucessão apostólica é reconhecida mais claramente nas igrejas que aderem mais firmemente ao ensinamento apostólico (Bruce, 1988, p. 73).

κοινωνία – “comunhão” Vai além do mero convívio; envolve *compartilhamento ativo de vida, fé e bens*.⁷ Em contexto lucano, a κοινωνία tem forte conotação comunitária, com implicações éticas e sociais (At 4:32–35).

κλάσει τοῦ ἄρτου – “partir do pão”. Pode se referir tanto a *refeições comuns quanto à Ceia do Senhor*, como afirma Barret (2004, p. 165): “Uma única descrição abrange tanto uma refeição comum quanto a Ceia do Senhor.” A estrutura do texto e sua relação com o culto indicam que Lucas possivelmente a entende como um *ato litúrgico regular*, marcando a memória de Jesus.

προσευχαῖς – “orações”. Aponta para a prática *constante da oração*,⁸ que em Lucas-Atos é frequentemente acompanhada da manifestação do Espírito (cf. At 1:14; 4:24-31).

φόβος – “temor” (v. 43). Expressa reverência diante do agir de Deus.⁹ Aqui está associado aos “sinais e prodígios” (τέρατα καὶ σημεῖα) feitos pelos apóstolos,

⁶ “A persistência constante no ensino dos apóstolos significa (a) que os cristãos ouviam os apóstolos sempre que estes ensinavam e (b) que praticavam assiduamente o que ouviam. O διδασχὴ dos apóstolos não pode ser distinguido de forma nítida ou consistente de sua pregação” (Barrett, 2004, p. 163, tradução nossa).

⁷ “O dativo τῇ κοινωνίᾳ remonta ao particípio προσκαρτεροῦντες, e o significado é que eles continuaram em fiel adesão à comunidade recém-formada daqueles que aceitaram a messianidade de Jesus e a crença de que a salvação de Deus para o Seu povo estava sendo realizada por meio Dele. A irmandade, assim baseada na aceitação comum da mensagem apostólica, entrou em ação no uso caridoso de seus recursos materiais” (Barrett, 2004, p. 164, tradução nossa).

⁸ “Quanto às orações das quais participavam, a principal referência é, sem dúvida, aos seus próprios períodos designados para a oração em conjunto, embora saibamos que os apóstolos também participavam dos cultos judaicos no templo (cf. 3:1). As orações da comunidade seguiriam os modelos judaicos, mas seu conteúdo seria enriquecido pelo evento de Cristo” (Bruce, 1988, p. 73, tradução nossa).

⁹ “φόβος não é simplesmente reverência a Deus; esta é uma tradução adequada para 9:31 (veja a nota para o contexto do AT), mas aqui (e no v. 43b, se a variante for aceita) e em 5:5, 11; 19:17 há um medo genuíno de novos eventos sobrenaturais. Esse tipo de medo afetou todos os que



ecoando a linguagem do Antigo Testamento sobre a presença divina (Êx 15:11; Sl 65:8).

οἱ πιστεύοντες – participio presente ativo nominativo plural masculino do verbo πιστεύω (crer). Ligado a πάντες (todos), formando uma construção substantiva: “todos os que criam” ou “todos os crentes”. Sujeito do verbo ἔχον (tinham), ou seja: “os que criam [...] tinham tudo em comum”. A forma de participio presente enfatiza a ação contínua e durativa: não se trata de um único ato de fé, mas de um estado permanente de crer, que os define como grupo.¹⁰ Para Lucas, crer (πιστεύειν) não é apenas assentimento intelectual, mas adesão contínua e vivencial à mensagem proclamada. Esse “crer contínuo” é a base da unidade da comunidade e está imediatamente vinculado à partilha de bens – um sinal concreto da fé operando em amor (cf. Gl 5:6). O uso do participio, em paralelo com outras ações no imperfeito, reforça o caráter durativo da vida cristã, e evidencia a identidade do grupo: os “que continuam crendo”.

καθ’ ἡμέραν – “diariamente” (v.46). Reforça o aspecto *cotidiano* da vida cristã. As práticas comunitárias e o culto não são eventos esporádicos, mas *marcam a rotina diária* dos crentes. Esses eventos diários envolviam atividades no templo e nas casas.

ἐπὶ τὸ αὐτό – “juntos” (v.44; cf. v.47). Expressão que enfatiza *unidade de propósito e de presença*. Lucas destaca a coesão e o senso de corpo da comunidade nascente. Polhill enfatiza essa expressão de unidade:

Essa expressão grega é notoriamente difícil de traduzir, ocorrendo cinco vezes em Atos (1:15; 2:1, 44, 47; 4:26). Parece descrever a comunidade reunida, com forte ênfase em sua unidade. Essa unidade é ainda mais expressa por terem “tudo em comum” (o que é descrito no v. 45 como vender seus bens em benefício de outros sempre que surgisse uma necessidade) (Polhill, 1992, p. 120).

Estrutura literária do parágrafo

O texto de Atos 2:42-47 segue uma estrutura simétrica com progresso narrativo e teológico, que pode ser representada assim:

testemunharam o milagre das línguas e ouviram o discurso de Pedro” (Barrett, 2004, p. 166, tradução nossa).

¹⁰ “O crer, [...] de acordo com a forma gramatical do presente, significa uma atitude fundamental permanente: todos estavam crendo. O crer não indica um estado imóvel, já que os crentes estavam modificando e adotando permanentemente sua fé até o novo equilíbrio escatológico. Este evento não é uma conversão que se faz de uma vez por todas, mas tem que ser repetido, retomado e variado em muitas situações diferentes” (Dormeyer; Galindo, 2010, p. 86).



A. Atos 2:42 – Quatro pilares da comunidade cristã

Ensino apostólico, comunhão, partilha do pão e orações formam a base identitária da comunidade.

B. Atos 2:43-47 – Desdobramento da vida comunitária

V. 43: Temor e sinais apostólicos

V. 44-45: Comunhão de bens e solidariedade

V. 46-47a: Culto público e refeições domésticas

V. 47b: Louvor, crescimento, favor público

Esses versículos ilustram como os pilares se encarnam na prática cotidiana. Essa organização revela o estilo narrativo de Lucas, que combina descrição, teologia e exemplificação. Há um *movimento de dentro para fora*: da formação interna (v. 42) para a vivência externa e impacto social (v. 47).

Observações sintáticas e gramaticais

O trecho de Atos 2:42-47 apresenta uma construção verbal altamente coesa e orientada para descrever a vida comunitária com ênfase em *ações contínuas, coletivas e transformadoras*. A análise sintática dos verbos revela:

Domínio do imperfeito indicativo ativo: Verbos como ἦσαν (εἶμι), ἐγίνετο (γίνομαι), εἶχον (ἔχω), ἐπώλουν (πωλέω), διεμέριζον (διαμερίζω), ἔτρωγον (τρώγω) e προσέτιθε (προστίθηναι) estão no imperfeito. Esse tempo verbal denota ações habituais e durativas no passado, sugerindo que os eventos descritos não são pontuais, mas integrados à vida rotineira da comunidade.

Particípios presentes com valor adjetival ou substantival: Expressões como προσκαρτεροῦντες (v. 42, 46), πιστεύοντες (v. 44), αἰνοῦντες (v. 47) e σωζομένους (v. 47) são particípios no presente ativo ou médio/passivo, com função descritiva e qualificativa. Eles revelam ações contínuas e identitárias: perseverar, crer, louvar, ser salvo — são aspectos permanentes do ser cristão, não meros eventos isolados.

Parataxe e progressão lógica: O uso constante de καί (e) conecta os verbos em parataxe, marcando o encadeamento sequencial e harmônico das práticas: perseveravam → vendiam → repartiam → comiam → louvavam. Essa sintaxe constrói um retrato orgânico da vida eclesial.



Sujeitos coletivos e marcadores de identidade: O sujeito mais relevante é o *οἱ πιστεύοντες* (os que criam) — não apenas “convertidos”, mas os que continuam crendo, qualificando toda a comunidade pela fé em ação. A unidade sintática entre sujeitos e predicados reforça a noção de corpo e de vida em comum (cf. *ἐπὶ τὸ αὐτό*). Além disso, o paralelismo entre as expressões “no templo” (*ἐν τῷ ἱερῷ*) e “nas casas” (*κατ’ οἶκον*) (v. 46) revela que a vivência da fé cristã mantém vínculos com a tradição judaica do culto no templo, mas também se expande e se adapta à intimidade dos lares — revelando uma comunidade que adora a Deus tanto publicamente quanto no cotidiano da vida doméstica.

Relação com o Discurso de Pedro (Atos 2:14-41)

O discurso como matriz interpretativa da comunidade

Atos 2:14-41 contém o primeiro discurso apostólico registrado por Lucas. Nele, Pedro interpreta o fenômeno do Pentecostes à luz das Escrituras e da ressurreição de Jesus. Esse discurso estabelece o fundamento teológico e histórico para compreender o que acontece nos versículos seguintes (2:42-47), que não introduzem um novo episódio, mas retratam o desdobramento imediato da proclamação apostólica. Três eixos principais estruturam o discurso e encontram correspondência prática na comunidade descrita após o Pentecostes:

(1) O dom do Espírito como cumprimento escatológico (At 2:16-21). Pedro interpreta a descida do Espírito como o cumprimento da profecia de Joel, que anunciava a efusão do Espírito nos “últimos dias”. O Pentecostes marca, portanto, o início da era escatológica. Esse dom não se limita ao fenômeno das línguas, mas inaugura uma nova realidade de vida comunitária. A comunidade descrita em Atos 2:42-47 — perseverante no ensino, na comunhão e na oração — é apresentada por Lucas como o *fruto concreto do agir do Espírito*, não como mera resposta humana. Keener observa:

Os profetas certamente prometeram a vinda do Espírito (Is 44:3; 59:21; Ez 36:26-27; 37:14; 39:29; Jl 2:28-29). [...] Para Lucas, a “promessa” aqui não é apenas de interesse histórico sobre as primeiras testemunhas de Jesus; ela é paradigmática para todos os cristãos. Isso é evidente pelo fato de que a promessa é reiterada mais adiante para todos os que se arrependem (At 2:38), incluindo os gentios “que estão longe” (2:39) (Keener, 2012, p. 678).

Assim, a comunidade que emerge imediatamente após o discurso é a primeira expressão visível desse novo tempo.



(2) Jesus exaltado como Senhor e Cristo (At 2:22-36). A segunda parte do discurso de Pedro (At 2:22-36) afirma que Jesus, tendo sido crucificado e ressuscitado, foi exaltado à direita de Deus e, como consequência, recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo e O derramou sobre os discípulos (v. 33). Essa exaltação messiânica é confirmada com o uso do Salmo 110 (v. 34), conduzindo à proclamação de que “Deus O fez Senhor e Cristo” (v. 36). A fé no Cristo exaltado constitui o fundamento teológico da nova comunidade, e a narrativa subsequente (v. 42-47) descreve uma igreja que vive sob o senhorio de Jesus: conduzida por Sua doutrina, animada por Sua presença espiritual e moldada por Sua autoridade salvífica.

Parsons observa que “Jesus e Deus parecem intercambiáveis: ambos são creditados com o derramamento do Espírito” (Parsons, 2008, p. 47, tradução nossa). Essa observação é teologicamente significativa: a concessão do Espírito, que em Joel é promessa de YHWH, é aqui aplicada a Jesus, sinalizando Sua plena participação na autoridade divina. Assim, a comunidade do Espírito, em Atos 2:42-47, surge não apenas como resposta humana, mas como resultado direto da mediação ativa e divina do Cristo exaltado.

(3) Resposta: arrependimento, batismo e recepção do Espírito (At 2:37-41). O discurso culmina com o apelo: “Arrependei-vos [...] e recebereis o dom do Espírito Santo” (v. 38). A resposta é imediata: cerca de 3 mil pessoas são batizadas (v. 41). Os versículos seguintes mostram o que se segue a esse arrependimento e batismo: *uma vida comunitária caracterizada por ensino, comunhão, partilha e louvor*, isto é, o retrato da igreja cheia do Espírito.

Keener comenta: “Pedro conclui exortando-os a invocar o nome do Senhor por meio do batismo em nome de Jesus (2:38). [...] Nesse contexto, o nome de Jesus é necessário para a salvação (At 4:12)” (Keener, 2012, p. 921, tradução nossa). O autor complementa que “Ele [Jesus] é aquele que derrama o Espírito (2:33; Lc 3:16), uma função divina. [...] Deus oferece perdão a Israel e aos demais em nome de Jesus (2:38; 5:31). Jesus é o único meio de salvação (4:12), o líder legítimo de Israel e seu único Salvador (5:31; 13:23)” (Keener, 2012, p. 502, tradução nossa). A narrativa de Atos 2:42-47 mostra o resultado visível dessa resposta: um povo regenerado pelo arrependimento e configurado pelo Espírito em práticas concretas de comunhão.



Interpretação teológica

A relação entre Atos 2:14-41 e 2:42-47 vai além de uma sequência cronológica; trata-se de uma conexão teológica fundamental na narrativa lucana. O discurso de Pedro interpreta o Pentecostes como o cumprimento das promessas proféticas, especialmente o dom do Espírito, e revela Jesus como Senhor exaltado. A comunidade que surge em 2:42-47 encarna esse cumprimento, tornando-se expressão viva da nova realidade espiritual inaugurada. Para Lucas, doutrina e vida comunitária não podem ser dissociadas: a fé proclamada no discurso encontra sua concretização na prática cotidiana da igreja formada pelo Espírito.

Essa dimensão teológica da comunidade é também parte da continuidade narrativa entre o Evangelho de Lucas e Atos. Keener observa que o dom do Espírito é o elemento com que o evangelho se encerra (Lc 24:47-49) e com o qual Atos se inicia (At 1:4-8), sendo que o encerramento litúrgico de Lucas (Lc 24:53) – com os discípulos no templo – é retomado no final da narrativa do Pentecostes (At 2:46-47), reforçando a unidade literária e teológica das duas obras (Keener, 2012, p. 782).

Assim, a comunidade retratada em At 2:42-47 não é apenas consequência da proclamação de Pedro, mas representa, para Lucas, a manifestação histórica e escatológica da nova era iniciada pela exaltação de Cristo e pelo dom do Espírito.

Atos 2:42-47 como expressão narrativa e teológica da pneumatologia lucana

A perícope de Atos 2:42-47 ocupa uma posição estratégica na macroestrutura de Atos, funcionando como o clímax narrativo e teológico da unidade formada pelos capítulos 1–2. A descrição da comunidade cristã nascente é inseparável do evento fundacional do Pentecostes, no qual se cumpre a promessa lucana do derramamento do Espírito (At 1:5,8; 2:1-4) e a profecia de Joel reinterpretada cristologicamente por Pedro (2:17-21). A comunidade que emerge é, portanto, expressão visível da inauguração da era escatológica, vivendo sob o senhorio do Cristo exaltado e sob a agência contínua do Espírito. O retrato de Lucas destaca ações reiteradas – ensino apostólico, comunhão, partilha e oração – estruturadas por uma sintaxe que enfatiza habitualidade e perseverança, revelando um *ethos* comunitário profundamente enraizado na dinâmica do Espírito. Essa configuração comunitária deve ser lida não como idealização normativa, mas como teologia narrativa que traduz, em linguagem social e litúrgica, o impacto da presença divina na nova realidade inaugurada.



A descrição da comunidade não apenas representa a recepção imediata da proclamação querigmática, mas antecipa, em forma condensada, os principais eixos teológicos que atravessam o livro de Atos. A pneumatologia lucana, aqui encarnada, revela o Espírito como agente constitutivo da ἐκκλησία, conferindo-lhe identidade doutrinária, forma relacional e impulso missionário. O fruto do Pentecostes não se limita ao dom de línguas ou aos sinais extraordinários, mas se manifesta na constituição de um corpo comunitário que traduz o Reino em práticas concretas de solidariedade, adoração diária e expansão missional. Atos 2:42-47, portanto, não é apenas uma janela para o passado da igreja primitiva, mas um compêndio teológico da ação do Espírito na formação do novo povo de Deus — povo escatológico que testemunha, em sua própria vida, a realidade do Reino que já irrompeu na história pela exaltação de Cristo e pelo dom do Espírito. Como declara Stern (1996, sobre At 2:42): “Esta imagem da Comunidade Messiânica fortalecida pelo Espírito Santo e obediente a Deus continua sendo o modelo para o seu povo hoje.”

AS CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE DE FÉ SOB A ÓTICA DA OBRA DO ESPÍRITO

Perseveravam na doutrina

A primeira característica a destacar é a doutrina. A palavra διδασκί refere-se ao ensino, indicando o fervor dos primeiros convertidos ao cristianismo pela Palavra. Eles recorriam aos apóstolos para aprender sobre Cristo, pois Jesus os havia designado como mestres (Mt 28:20) (Kistemaker, 2016, p. 148).

A evangelização era poderosa e alcançava milhares de pessoas, mas os novos conversos sabiam pouco sobre Jesus. De origem judaica, tinham conhecimento sobre Deus conforme o Antigo Testamento, mas precisavam construir sua fé cristã sobre esse fundamento. Os apóstolos os ajudavam nesse processo (Wade, 1987, p. 30-31). Para resolver esse problema,

Os apóstolos não desenvolviam pensamentos teológicos e dogmáticos, mas relatavam “todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1:1), relatavam o que haviam vivenciado com Jesus e transmitiam os ditos, discursos e parábolas do Senhor. E os ouvintes gravavam tudo na memória, aprendendo-o de cor como pessoas acostumadas desde a infância a fixar na memória muita Bíblia. É dessa maneira que os evangelhos estavam vivos no coração e na memória de numerosas pessoas muito tempo antes que algo tenha sido escrito. Esse aprender e decorar, porém, não era “monótono”, mas abençoador. Como a pessoa era enriquecida quando absorvia cada vez mais desse Jesus, a quem ela pertencia com profunda gratidão, por ser o Salvador e Messias! (Boor, 2002, p. 59).



Pedro e Paulo usavam constantemente as Escrituras para ensinar, levando os cristãos a examinar e compreender a verdade sob uma nova luz (Boor, 2002, p. 59-60). Além disso, pode-se pensar que os apóstolos “foram qualificados para essa tarefa por sua companhia com Jesus. Eles podem ter sido considerados, em um sentido especial, os guardiões das tradições sobre Jesus à medida que a igreja crescia e se desenvolvia” (Marshall, 1980, p. 88).

Uma igreja que ensina e aprende

Atos 2:42 afirma que a doutrina cristã válida provém do ensino apostólico (Pervo, 2009, p. 92). A igreja cristã precisa de instrução e conhecimento, pois edificar sem base doutrinária não está de acordo com os princípios de Cristo e dos apóstolos, pois o ensino ou instrução foi o primeiro instrumento empregado no trabalho de estabelecimento e fortalecimento dos novos conversos.

A expressão “e perseveravam na doutrina dos apóstolos” mostra que o puro e simples evangelho de Cristo era o fundamento inabalável da igreja apostólica. Isso evidencia que “nenhum dos apóstolos nutria pontos de vista doutrinários que fossem peculiares a ele; todos aderiram ao evangelho simples; os crentes foram assim sustentados em sua adesão à única coisa necessária (Lange *et al.*, 2008, p. 58, tradução nossa).

O ensino era o fundamento da igreja apostólica. Os apóstolos não tinham doutrinas próprias, mas ensinavam o evangelho puro e simples. Como diz Stott: “O Espírito Santo abriu uma escola em Jerusalém; seus professores eram os apóstolos e havia 3 mil alunos!” (Stott, 1994, p. 82, tradução nossa). A atitude de ensino-aprendizado da igreja apostólica comprova que aqueles novos convertidos não estavam desfrutando de uma experiência mística ou uma espiritualidade rasa que os levasse a desprezar as questões intelectuais ou desdenhar a teologia. Na verdade, uma postura anti-intelectual é incompatível com a plenitude do Espírito, pois Ele é o Espírito da verdade que guia “em toda a verdade” (Jo 16:13). Os membros da primeira igreja não tinham postura contra o conhecimento e nem sequer imaginaram que, por terem recebido o Espírito, não precisavam de instrução, pois, “o Espírito de Deus leva o povo de Deus a se submeter à Palavra de Deus” (Stott, 1994, p. 82, tradução nossa).



A leitura das experiências da igreja em Atos nos faz supor que esses primeiros convertidos desejavam ser encorajados em sua fé, crescendo em espiritualidade, mas eles também manifestam identificação com o ensino, a teologia, a pregação. Efetivamente, “a instrução apostólica continuou a estar no centro da vida da igreja mais tarde em contextos gentios (por exemplo, At 11:25-26; 18:11; 19:9-10; 20:7-12, 20-21, 28-32; 28:30-31)” (Peterson, 2009, p. 160, tradução nossa). Deste modo, observa-se uma continuidade no processo ensino-aprendizado: “Assim como os apóstolos foram instruídos por Jesus, eles transmitiram essa instrução aos novos cristãos” (Polhill, 1992, p. 119, tradução nossa). No entendimento de Polhill (1992, p. 119), muito provavelmente esse ensino incluiria assuntos como a ressurreição de Cristo, o conteúdo do Antigo Testamento, o testemunho cristão e as próprias lembranças dos apóstolos referentes ao ministério terreno e os ensinamentos de Jesus. Por sua vez, Larkin (1995, At 2:42, tradução nossa) conjectura que o ensinamento dos apóstolos provavelmente incluía “um relato da vida e ministério de Jesus, Seus ensinamentos éticos e práticos, advertências sobre perseguição e falso ensino e a hermenêutica cristocêntrica do Antigo Testamento”. Todavia, em seu centro estava a mensagem do evangelho. E assim, hoje, dedicar-se ao ensino dos apóstolos significa praticar o evangelismo, bem como a edificação (At 4:2; 5:42; 15:35).

Aplicação para os nossos dias: precisamos fortalecer a centralidade dos ensinamentos bíblicos em nossa vida e em nossos cultos

Lopes (2012, p. 66-67) declara que “é evidente que a igreja de Jerusalém nasceu sob a égide da verdade. A igreja começou com o derramamento do Espírito, a pregação cristocêntrica e a permanência dos novos crentes na doutrina dos apóstolos”. Porém, “ao longo da história houve muitos desvios da verdade”.

Todos esses ensinamentos espúrios lembram à igreja que ela tem compromisso com a Palavra, e não com as teorias humanas nem como os exageros. Indubitavelmente, a igreja bíblica é marcada pelo ensino. Milhares de novos convertidos precisavam entender precisamente como Pedro ligava o texto do Antigo Testamento com o ministério de Jesus. Os teólogos chamam isso de “cristologia messiânica”, que tornou-se o núcleo da doutrina do Novo Testamento (Gankel, 1998, p. 31). Deste modo, como pondera Wade (1987, p. 30-31, tradução nossa), as igrejas atuais



precisam de ensino sólido, porque a maioria das pessoas entra na igreja carecendo “de uma compreensão clara de Deus e Seus propósitos conforme revelados no Antigo Testamento. Só podemos desejar que as igrejas de hoje coloquem tanta ênfase no ensino quanto os apóstolos”.

Por outro lado, há um movimento crescente que afirma o seguinte: “Jesus sim, doutrina não; aceitamos o comportamento de Jesus, mas não Sua mensagem.” O que dizer? Neste ponto Deus deseja que nossa postura seja: “Jesus sim, doutrina também.” E o fundamento bíblico para isso é justamente o texto de Atos 2:42. O fato é que não há como separar a pessoa de Jesus de Seus ensinamentos; não há como separar a pessoa Dele de Sua mensagem, pois Ele é a própria mensagem.

Assim como a igreja apostólica — a primeira igreja —, os cristãos da atualidade devem valorizar as doutrinas e crenças, pois elas são o fundamento da fé e da prática. O cristianismo precisa formular suas doutrinas e crenças a partir de sólido estudo da Bíblia, lembrando que as doutrinas e as crenças são a base de uma vida correta e de ensinamentos corretos.

A igreja deve cuidar da doutrina, e isso começa pela teologia pessoal dos crentes. Líderes religiosos e membros devem aprofundar-se no estudo diário e sistemático da Palavra. O culto cristão deve devolver à Bíblia seu lugar central, pois ela, sendo autoritativa, nos insta a viver à luz das orientações de Deus. Neste caso, nossa identidade — seja qual for — fundamenta-se na Sagrada Escritura.

Essa convicção se reflete na crença de que:

As Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina. Nesta Palavra, Deus transmite à humanidade o conhecimento necessário para a salvação. As Escrituras Sagradas são a revelação infalível, suprema e repleta de autoridade de Sua vontade. Constituem o padrão de caráter, a prova da experiência, o revelador definitivo de doutrinas e o registro fidedigno dos atos de Deus na história (Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2023, p. 173).

Perseveravam na comunhão

Em segundo lugar, os membros da primeira igreja perseveravam na comunhão (κοινωνία), uma clara alusão ao espírito de irmandade que havia entre todos. A ideia é que existia relacionamento e proximidade entre eles. Não se fazia campanha para fundar uma igreja nem era necessária a formação de associações: naturalmente eram atraídos uns pelos outros (Boor, 2002, p. 60).



A palavra κοινωμία, traduzida como “comunhão”, pode também significar “compartilhamento” ou “participação”. Refere-se a ter coisas em comum – bens, serviço, fé, esperança. É usada, por exemplo, em 1 Coríntios 10:16 para a Ceia do Senhor; em 2 Coríntios 8:4, como apoio financeiro ao ministério; e em Gálatas 2:9, como parceria missionária (Wade, 1987, p. 31). Embora possa remeter à partilha de bens (At 2:44), aqui parece aludir à refeição comum ou experiência religiosa coletiva (Marshall, 1980, p. 88) – como pensava Crisóstomo, que via comunhão também nas relações sociais (Chrysostom, 1999, p. 45).

Em Romanos 15:1-2, 7, 14, 23-24, o apóstolo Paulo descreve a importância de uma vida relacional na qual o outro é motivo de cuidado. O texto sintetiza as características de uma vida pautada pela comunhão/relacionamento:

Ora, nós que somos fortes na fé temos de suportar as debilidades dos fracos e não agradar a nós mesmos. Portanto, *cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação [...]*. Portanto, *acolham uns aos outros*, como também Cristo acolheu vocês para a glória de Deus [...]. E eu mesmo, meus irmãos, estou certo de que *vocês estão cheios de bondade, têm todo o conhecimento e são aptos para admoestar uns aos outros [...]*. Mas, agora, não tendo mais campo de atividade nestas regiões e desejando há muitos anos visitá-los, penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha. Pois *espero que, de passagem, eu possa vê-los e que vocês me encaminhem para lá, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a companhia de vocês* (Bíblia, Rm 15:1-2, 7, 14, 23-24, grifo nosso).

Nas frases acima destacadas, Paulo apresenta basicamente quatro aspectos do relacionamento, da κοινωμία: edificação, acolhimento, exortação mútua e satisfação relacional – ou seja, relacionar-se com o próximo para servir e salvar.

Uma igreja amorosa

John Stott nos lembra que “a comunhão cristã é o cuidado cristão, e o cuidado cristão é a partilha cristã” (1994, p. 82-84). A palavra κοινόν em grego normalmente significa “compartilhar com alguém algo” acima e além do relacionamento em si, ou “dar a alguém uma participação em algo”.¹¹ Observando κοινωμία a partir dessa perceptiva, o vocábulo apresenta um desafio adicional, pois considerando que em toda igreja há membros destituídos dos elementos básicos da vida, é

¹¹ Originalmente um termo comercial, κοινωμία é usado em vários contextos do Novo Testamento para se referir à participação conjunta dos crentes em Cristo (por exemplo, 1Co 1:9) ou no Espírito Santo (por exemplo, 2Co 13:13) ou sua participação nas demandas e bênçãos do evangelho (por exemplo, Fp 1:5). A participação comum em Cristo necessariamente leva a uma comunhão mútua entre os membros da comunidade cristã (por exemplo, 1Jo 1:3) (cf. Hauck, 1965, p. 804–809).



responsabilidade dos crentes mais favorecidos “aliviar a necessidade e abolir a miséria na nova comunidade de Jesus” (Stott, 1994, p. 82-84).

Desta maneira, κοινωνία é o retrato de uma igreja amorosa. Por essa razão, White recomenda que “é necessário pôr-se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal”; e continua:

Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados (White, CBV, s.d., p. 143).

White defende, assim, a necessidade de que a comunidade desenvolva relacionamentos. Por outro lado, o que acontece quando os bons relacionamentos não são priorizados? White explica que “nosso coração deixa de ser iluminado e comovido [...] nossa espiritualidade declina” (White, CC, s.d., p. 89). Perseverar na comunhão é insistir na tarefa essencial de cuidar de pessoas, e com isso declarar que a igreja existe para pastorear pessoas, suprimindo-lhe as necessidades materiais, sociais, emocionais, intelectuais e espirituais. Uma igreja assim é um lugar acolhedor, transformador, um verdadeiro agente de plena redenção.

Aplicação para os nossos dias: precisamos fortalecer o relacionamento e a proximidade entre nós

A boa comunhão visa compartilhar bênçãos com as pessoas: orar, orientar, discernir a vontade de Deus e caminhar juntos rumo à eternidade. Wesley afirmou: “Não há santidade pessoal sem santidade social” (Wesley, 2020, p. 239, tradução nossa). White reforça:

É pelas relações sociais que a religião cristã entra em contato com o mundo. Cada homem ou mulher que recebeu a iluminação divina deve derramar luz na tenda tenebrosa dos que não conhecem o melhor caminho. A influência social, santificada pelo Espírito de Cristo, deve desenvolver-se na condução de almas para o Salvador. Cristo não deve ser escondido no coração como um tesouro cobiçado, sagrado e doce, fruído exclusivamente pelo possuidor. Devemos ter Cristo em nós como uma fonte de água, que corre para a vida eterna, refrescando a todos os que entram em contato conosco (White, CBV, s.d., p. 496).



Perseveravam no partir do pão

A igreja apostólica também perseverava no partir do pão. Isso refere-se a uma refeição na casa de alguém ou a um culto de Ceia do Senhor? O contexto parece sugerir que a expressão se refere à celebração da ceia. De fato, como registra Marshall (1980, p. 88-89, tradução nossa), “esse é o termo de Lucas para o que Paulo chama de Ceia do Senhor”.¹² E mais ainda:

Refere-se ao ato com o qual se abria uma refeição judaica, e que ganhou um significado peculiar para os cristãos em vista da ação de Jesus na Última Ceia e também quando alimentou as multidões (Lc 9:16; 22:19; 24:30; At 20:7, 11). Tem sido afirmado que o pensamento é simplesmente uma refeição de comunhão, talvez uma continuação das refeições realizadas com o Senhor ressuscitado, sem qualquer relação específica com a Última Ceia ou a forma paulina da Ceia do Senhor que celebrou sua morte, mas é muito mais provável que Lucas esteja simplesmente usando um nome palestino antigo para a Ceia do Senhor no sentido próprio (Marshall, 1980, p. 88-89, tradução nossa).

Outra evidência para a compreensão de “partir do pão” como a Ceia do Senhor é que “o ato de partir o pão tem sua continuação no oferecimento de orações (presumivelmente no ambiente do culto público)”. Efetivamente, “as palavras *partir do pão* aparecem dentro da sequência do ensino, comunhão e orações nos cultos de adoração. Logo, compreendemos o termo como uma descrição antiga da celebração da Santa Comunhão”, pois “na liturgia da igreja cristã, essa celebração era e é geralmente acompanhada por ensinamentos do evangelho e por orações” (Kistemaker, 2016, p. 149). Além disso, “no primeiro século, a Ceia do Senhor era frequentemente referida como ‘o partir do pão’. Tornou-se uma observância semanal regular (At 20:7), embora naqueles primeiros dias da igreja pudesse ser observada diariamente” (Wade, 1987, p. 31).

Aplicação para os nossos dias: devemos participar da Ceia do Senhor oferecida pela igreja

Falando a respeito da importância da participação da ceia, White (DTN, s.d., p. 656, cf. p. 661) afirmou que, nessa ocasião, “Cristo Se encontra com Seu povo, e os revigora por Sua presença. Corações e mãos indignos podem mesmo dirigir a

¹² Gangel (1998, p. 31, tradução nossa), acrescenta: “Muito possivelmente eles praticavam de forma diferente do que muitas igrejas fazem agora, provavelmente com uma refeição completa. Ainda assim, o memorial da morte do Senhor até que Ele volte continua sendo o tema central dos crentes partindo o pão juntos.”



ordenança; todavia Cristo ali Se encontra para ministrar a Seus filhos”. Por isso, “todos quantos ali chegam com a fé baseada Nele serão grandemente abençoados. Todos quantos negligenciam esses períodos de divino privilégio sofrerão prejuízo. Deles se poderia quase dizer: ‘Nem todos estais limpos’ (Jo 13:11)”.

Assim sendo, todos os membros da igreja deveriam participar da sagrada comunhão, pois nela, como é afirmado na obra *Nisto Cremos*, “experimentamos os mais fortes e profundos sentimentos de comunidade junto à mesa do Senhor. Ali nos encontramos em terreno comum, onde são quebradas as barreiras que nos separam”. Além disso, “a Ceia do Senhor é tanto um memorial quanto um ato de ação de graças pelo selamento do eterno concerto da graça. As bênçãos recebidas guardam proporção direta com a fé dos participantes” (Associação Ministerial, 2018, p. 262-263).

A Ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus como expressão de fé Nele, nosso Senhor e Salvador. Nessa experiência de comunhão, Cristo está presente para encontrar-Se com Seu povo e fortalecê-lo. Participando da Ceia, proclamamos alegremente a morte do Senhor até que Ele volte. A preparação envolve o exame de consciência, o arrependimento e a confissão. O Mestre instituiu a cerimônia do lava-pés para representar renovada purificação, para expressar a disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo e para unir nossos corações em amor. O serviço da comunhão é franqueado a todos os crentes cristãos (Associação Ministerial, 2018, p. 254).

O parágrafo anterior apresenta ao menos cinco razões que nos motivam a participar da Ceia do Senhor, destacando que esse ato significa:

1. Expressar fé por meio dos emblemas do corpo e sangue de Cristo.
2. Encontrar-se com Cristo, que ali está presente.
3. Ser fortalecido espiritualmente por Ele.
4. Proclamar sua morte até que Ele volte.
5. Praticar autoexame, arrependimento e confissão.

É, portanto, um sagrado privilégio. Como afirmou Andreasen, “em nenhuma outra ocasião foi Cristo maior na Terra do que durante a Ceia do Senhor [...], e jamais será maior no Céu do que quando ministrar a ceia a Seus santos” (1947, p. 44, 46).



Perseveravam na oração

A quarta característica da primeira igreja é a oração. Essa prática expressava a comunhão dos crentes não só no cuidado mútuo, mas também na adoração coletiva, formal (no templo) e informal (nas casas), segundo Atos 2:46. A adoração era alegre e reverente (“com alegria e singeleza de coração”). Lucas usa o artigo definido para indicar orações específicas, talvez as formais realizadas no templo (At 3:1) (Kistemaker, 2016, p. 149).

O autor bíblico mostra, portanto, que “uma igreja cheia do Espírito é perseverante na oração” (Lopes, 2012, p. 67). Isso se confirma com exemplos abundantes do livro de Atos (ver quadro).

Quadro 2 - Orações no livro de Atos

Referência	Descrição
Atos 1:14	Todos os discípulos perseveravam unânimes em oração após a ascensão de Jesus.
Atos 3:1	Pedro e João sobem ao templo para orar na hora nona (15h), mostrando o ritmo diário da oração.
Atos 4:31	Após oração diante da perseguição, o lugar treme, todos são cheios do Espírito e falam com ousadia.
Atos 6:4	Os apóstolos reafirmam que sua prioridade é a oração e o ministério da Palavra.
Atos 9:11	Deus revela a Ananias que Paulo está orando – sinal de sua conversão autêntica.
Atos 12:5	Enquanto Pedro está preso, a igreja ora incessantemente, e ele é milagrosamente libertado.
Atos 13:1–3	A igreja de Antioquia ora e jejua, e o Espírito Santo envia Barnabé e Saulo para as missões.
Atos 16:25	Presos, Paulo e Silas oram e cantam; ocorre um terremoto e a evangelização da Europa se inicia.
Atos 20:36	Paulo ora com os presbíteros de Éfeso antes de se despedir – um momento de profunda comunhão.
Atos 28:8–9	Em Malta, Paulo ora pelos enfermos, e muitos são curados, testemunhando o poder de Deus.

Fonte: Lopes, 2012, p. 67.

Como afirma Lopes (2012, p. 67), a igreja apostólica “não apenas possuía uma boa teologia da oração, mas efetivamente orava”. Os quatro elementos estudados – ensino, comunhão, ceia e oração – estão ligados ao culto público e evidenciam um estilo de vida moldado pelo Espírito, com maturidade espiritual e vivência comunitária (Kistemaker, 2016, p. 149).

Aplicação para os nossos dias: precisamos fortalecer nossa vida de oração, pessoal e comunitária

A oração é um processo comunicacional de mão dupla: falamos a Deus e Ele nos fala. Não devemos permitir que a oração seja rápida e apressada a ponto de



deixarmos Deus, o nosso Criador, falando sozinho, enquanto nós Lhe damos as costas, porque não aprendemos a dar-Lhe tempo de qualidade e quantidade. Além disso, a oração é um poderoso recurso mediante o qual o Senhor atua em nossa vida. A esse respeito, o apóstolo Paulo escreveu: “Não fiquem preocupados com coisa alguma, mas, em tudo, sejam conhecidos diante de Deus os pedidos de vocês, pela oração e pela súplica, com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus” (Fp 4:6-7).

Porém, há condições para que Deus ouça e responda as orações. Ellen G. White, em seu livro *Caminho a Cristo*, apresenta cinco condições para que as orações sejam atendidas:

1. Reconhecer a necessidade — A oração começa com a consciência da carência e do anseio por Deus (White, CC, s.d., p. 95).

2. Abandonar o pecado — Deus não ouve quem se apega conscientemente ao pecado. A aceitação depende do arrependimento (White, CC, s.d., p. 95).

3. Orar com fé — A fé é essencial. Devemos crer que Deus responde (Mc 11:24) (White, CC, s.d., p. 95).

4. Amar e perdoar — Orar exige espírito amorável e perdoador. Não se pode pedir perdão sem oferecer perdão (Mt 6:12) (White, CC, s.d., p. 96).

5. Perseverar na oração — É necessário constância. A oração liga nossa vida à de Deus (White, CC, s.d., p. 96-97).

Fica claro, portanto, que a oração é essencial à vida, pois sem oração não crescemos espiritualmente. Assim, “é impossível que a espiritualidade de uma pessoa floresça se a oração for negligenciada” (White, CC, s.d. p. 97). Aliás, o que ocorre quando não oramos?

Sem oração constante e perseverante vigilância, corremos o risco de ficar cada vez mais descuidados, e de desviar-nos do caminho reto. O adversário procura continuamente obstruir o caminho para o trono de misericórdia para que não obtenhamos, por meio da súplica e fé, graça e poder para resistir à tentação (White, CC, s.d., p. 94).

A falta de oração enfraquece a vida espiritual e facilita a ação do inimigo (White, CC, s.d., p. 94). No entanto, orar sem ação também é perigoso. White alerta: “Aquele que nada faz além de orar em breve abandonará essa prática; suas orações acabarão se tornando uma formalidade rotineira” (White, CC, s.d., p. 100). É preciso orar e servir.



Havia temor

A quinta característica da igreja apostólica é o temor. “Lucas aqui descreve a impressão que toda a ocorrência e, particularmente, a conversão inegavelmente sincera de um número tão grande causou na multidão, mesmo nos não convertidos.” “Um pavor sagrado os dominou, pois foram inconscientemente levados a reconhecer o dedo de Deus e sentiram Seu poder.” “Eles também podem ter tido temporariamente um pressentimento daquela ‘ira vindoura’ [...]”. O temor que os crentes sentiram “declara um fato que aprofundou o sentimento de pavor produzido pelo evento pentecostal: muitos milagres foram realizados pelos apóstolos” (Lange *et al.*, 2008, p. 57).

Mas de que “temor” (φόβος) se fala? Temor significa deferência reverente (Nichols, 2014, p. 139), ou seja, um senso de espanto enchia os corações, pois sentiam a proximidade de Deus (Kistemaker, 2016, p. 150). Em algumas sociedades, o “temor de Deus” tornou-se desconhecido ou assustador. Mas aqui fala-se de membros da igreja. Para os salvos, o temor não é medo de castigo, mas respeito sagrado daqueles que “habitam” na presença de Deus pelo Espírito. O Espírito Santo faz-nos regozijar e tremer, temer e amar a Deus (Boor, 2002, p. 63).

Temor e santidade

Quando se fala em temor (deferência reverente), fala-se também em santidade; dito de outro modo, pessoas que reverenciam a Deus vivem em santidade diante Dele. Um exemplo disso é quando Deus pediu a Moisés que tirasse a sandália dos seus pés, pois estava em lugar santo. Tendo em mente esse episódio, Ellen G. White comenta:

A humildade e a reverência devem caracterizar o comportamento de todos os que vão à presença de Deus. Em nome de Jesus podemos ir perante Ele com confiança; não devemos, porém, aproximar-nos Dele com uma ousadia presunçosa, como se Ele estivesse no mesmo nível que nós outros. [...] Deus deve ser grandemente reverenciado; todos os que em verdade se compenetraram de Sua presença, prostrar-se-ão com humildade perante Ele, e, como Jacó, ao contemplar a visão de Deus, exclamarão: “Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; esta é a porta dos Céus” (White, PP., s.d. p. 255-256).

Deus fala ao ser humano em dias comuns, mas Ele não é um ser comum: Ele é Deus, e nunca se deve perder o senso de Sua grandeza, glória, majestade, soberania,



poder e santidade. Ele é um ser santo e deve ser respeitado como tal. Uma igreja saudável demonstra reverência e temor. Hernandes Dias Lopes afirma: “Uma igreja cheia do Espírito é formada por um povo cheio de reverência.” Hoje, muitos banalizam o sagrado. Quem conhece a santidade de Deus não brinca com Suas coisas (Lopes, 2012, p. 68).

Como se pode notar ao longo do livro de Atos, “a igreja de Jerusalém era reverente e também receptiva ao agir soberano de Deus. Tinha a agenda aberta para as soberanas intervenções do Senhor” (Lopes, 2012, p. 69). Credo em Sua santidade e soberania, testemunharam milagres:

- Atos 3 – O paralítico é curado.
- Atos 4:31 – O lugar onde a igreja estava orando treme.
- Atos 5:12, 15 – Muitos sinais e prodígios são efetuados.
- Atos 8:6 – Filipe realiza sinais em Samaria.
- Atos 9 – A conversão de Saulo é seguida da sua cura.
- Atos 12 – Pedro é libertado pelo anjo do Senhor.
- Atos 16:26 – Ocorre um terremoto em Filipos.
- Atos 19:11 – Pelas mãos de Paulo, Deus fazia milagres.
- Atos 28:8-9 – Deus cura os enfermos de Malta pela oração de Paulo (Lopes, 2012, p. 68-69).

Aplicação para os nossos dias: precisamos cultivar cada vez mais respeito e reverência a Deus

Deus não é o nosso “parceiro”, o nosso “amigão” ou “o cara”. Deus é Deus. Além disso, as coisas divinas são sagradas: Sua Palavra escrita, Sua casa e Seus símbolos. Estamos a serviço de um Deus santo, servindo Sua igreja. E se espera que sejamos reverentes, sempre. A igreja saudável demonstra reverência, temor e respeito ao Senhor e na casa Dele.

Perseveravam unânimes no templo

Os membros da igreja apostólica “diariamente perseveravam unânimes no templo” (At 2:46). Isso é inspirador e curioso. Talvez se esperasse que os seguidores do “Crucificado” evitassem o templo por medo de perseguição. Mas Lucas informa



que eles o frequentavam desde antes do Pentecostes (Lc 24:53). Isso mostra que o templo se tornara precioso para eles; por meio dele, conheciam melhor o Deus do templo (Nichols, 2014, p. 140). Sua permanência diária no templo expressava que pertenciam a Israel, que em Jesus alcançara o alvo de sua história (Boor, 2002, p. 62-63).

Atos 2:46 afirma que os novos crentes “diariamente perseveravam unânimes no templo”. A palavra “unânimes” (ὁμοθυμαδόν) expressa unidade de propósito e se aplica a “um só coração e mente” (4:32), usada em outras passagens (1:14; 2:1; 4:24; 5:12; 15:25) (Polhill, 1992, p. 121-122). Isso indica que a unidade da comunidade cristã deriva e é guiada pelo Espírito, estando enraizada na comunhão com Cristo.

O termo “diariamente” aponta que a devoção religiosa dos primeiros cristãos era constante. Reuniam-se com unanimidade no templo, o que pode indicar que usavam o pátio como local de reunião (cf. 5:12) e também participavam da adoração diária (3:1) (Marshall, 1980, p. 90-91). Assim, os cristãos primitivos repetiam fielmente suas visitas ao templo, ponto central do culto e santuário da nação (Lange *et al.*, 2008, p. 57).

A presença deles no templo mostra que permaneceram fiéis à herança judaica e evidencia seu zelo pelo testemunho. Em Jerusalém, o templo era o local onde multidões se reuniam, e os cristãos ali testemunhavam (3:11-12; 5:21, 42) (Polhill, 1992, p. 121-122).

Por que é importante ir ao templo?

Por outro lado, a presença dos novos convertidos “no templo testemunha não apenas que eles permaneceram fiéis à sua herança judaica, mas também evidencia seu zelo pelo testemunho”, dado que “em Jerusalém, o templo era o principal lugar onde as multidões seriam encontradas, e ali os cristãos iam para dar seu testemunho (3:11-12; 5:21, 42)” (Polhill, 1992, p. 121-122). Um dos desafios que a pandemia da Covid-19 trouxe é o que muitas pessoas acham que não é necessário ir ao templo; podem adorar em casa. Afinal, quem precisa de um templo e uma igreja local se temos comunidades virtuais e redes sociais, onde a melhor pregação está a apenas



um clique de distância? A respeito disto é necessária uma rápida reflexão que responda a esta pergunta: Por que é importante ir ao templo?¹³

Em primeiro lugar, porque a igreja reunida aperfeiçoa o adorador. Em uma sociedade imediatista, o templo é o espaço onde Deus refina o ser humano por meio de sermões, orações e atividades da igreja.

Em segundo lugar, é importante ir ao templo porque Deus tem um trabalho especial para a igreja e o adorador nos tempos atuais. Na verdade, o Senhor sempre teve um remanescente ao longo da história. Deus tem um remanescente profético (Ap 12:17), o que implica não um privilégio exclusivo, mas um chamado à responsabilidade e fidelidade à missão confiada.

Por último, em terceiro lugar, porque a igreja insere o adorador em algo maior. A adoração virtual pode passar a ideia de um povo limitado a redes sociais, mas a igreja é muito maior. Ela remonta à criação e caminha à eternidade, acompanhada pela Trindade em direção à pátria celestial.

Aplicação para os nossos dias: o povo de Deus deve valorizar as reuniões regulares no templo

Com sua costumeira genialidade, Lewis (1952, p. 171) escreveu: “A igreja existe unicamente para atrair as pessoas a Cristo, para fazer delas pequenos Cristos.” A igreja apostólica cumpria a missão deixada por Cristo, vivendo as práticas que lemos em Atos 2:42-47 como parte de uma vida de adoração a Deus, e o resultado era o crescimento numérico do movimento, “pequenos Cristos” que fortaleciam a igreja.

Para isso, a adoração e a liturgia devem ser bíblicas. Heber Campos (1996) alerta que, muitas vezes, a adoração é planejada para atrair, não para cultivar. Em vez de preparar pessoas para o sacerdócio real, busca-se agradar gostos culturais, resultando em adoração superficial.

Os cultos não existem para entreter. Reunimo-nos para louvar, cultivar e ouvir a Palavra de Deus — não para consumir performances ou entretenimento. Se priorizarmos o ambiente acolhedor em detrimento da verdade, perdemos a missão.

¹³ Reflexões baseadas em Chantal J. Klingbeil e Gerald A. Klingbeil, “Ir à igreja ou não?,” *Diálogo* 22:1 (2010): 9-11, 30.



Frequentar o templo não nos torna cristãos, mas é algo que cristãos fazem. Mostra que o Espírito de Cristo está em nós. Hebreus 10:25 adverte: “Não deixemos de nos congregar.” Quem deixa de congregar perde a identidade como povo de Deus

Contavam com a simpatia de todo o povo

Os novos crentes contavam “com a simpatia de todo o povo” (At 2:47). A igreja desfrutava da simpatia da comunidade por louvar a Deus e demonstrar generosidade (Nichols, 2014, p. 140). Eles viviam uma vida de louvor, e como resultado eram elogiados pelo povo, que reconhecia o poder do evangelho e a presença do Espírito. Essa postura resultava em atração a Cristo (Kistemaker, 2016, p. 153), um tipo de “evangelismo pela simpatia e bom testemunho”. Assim, para cumprir a missão, não precisamos ser teólogos brilhantes, mas cristãos bíblicos (Gangel, 1998, p. 34).

Por que o cristão precisa testemunhar?

Contar com a simpatia do povo favorece o testemunho e o cumprimento da missão. Há várias razões pelas quais uma pessoa precisa testemunhar sobre Jesus Cristo e a salvação. Ellen G. White ensina, em primeiro lugar, que “o cristão que não exercitar os poderes dados por Deus não somente deixará de crescer em Cristo, como também perderá a força que já adquiriu” (White, CC, s.d., p. 81). Ou seja, o testemunho é essencial para o crescimento espiritual contínuo. Em segundo lugar, porque “somos participantes da natureza divina”, devemos compartilhar as bênçãos recebidas com nossos semelhantes (White, CC, s.d., p. 79). Esse compartilhar é natural na vida do crente genuíno. Em terceiro lugar, devemos testemunhar porque Cristo veio para servir, e Seu serviço era o único e grande objetivo de Sua vida. Como seus seguidores, devemos seguir esse mesmo propósito: “Sua comida e Sua bebida eram fazer a vontade de Deus e terminar Sua obra” (White, CC, s.d., p. 78).

Por essas razões, os crentes verdadeiramente convertidos

farão tudo o que puderem para transformar o mundo num lugar melhor para que nele todos possam viver. Esse espírito é o legítimo resultado de um coração verdadeiramente convertido. Tão logo uma pessoa aceita a Cristo, em seu coração nasce um desejo de apresentar aos outros o precioso amigo que encontrou em Jesus Cristo; a verdade salvadora e santificadora não pode ficar escondida em seu coração (White, CC, s.d., p. 78).

Quais os benefícios do testemunho?



Características da comunidade cristã primitiva: ação do Espírito em Atos 2:42-47

Embora o testemunho cristão seja um dever de cada filho de Deus, é importante notar que o trabalho missionário produz profundas mudanças em quem está testemunhando; o trabalho missionário desinteressado em favor dos outros traz diversos benefícios à testemunha:

Quadro 3 – Benefícios que testemunhar traz à testemunha

Benefícios pessoais	Benefícios espirituais
Profundidade de seu caráter	Terá uma percepção espiritual mais clara
Estabilidade do caráter	
Amabilidade cristã ao caráter	Terá fé constante
Traz paz à testemunha	
Traz felicidade à testemunha	Terá fé crescente
Suas aspirações são as mais elevadas	
Não há lugar para a preguiça na vida da testemunha	As testemunhas terão um poder cada vez maior na oração
Não há lugar para o egoísmo em sua vida	
As graças cristãs crescem na vida da testemunha	As testemunhas contribuirão para a própria salvação
Ela se tornará forte para trabalhar para Deus	

Fonte: Adaptado de White, CC, s.d., p. 79-80.

Em verdade, Deus poderia escolher anjos — e não pessoas, para testemunharem em favor Dele; mas, por que não o fez? Deus poderia ter confiado aos anjos a pregação do evangelho, mas, em Seu amor, tornou-nos cooperadores com Cristo e os anjos, para que experimentássemos a bênção e alegria desse ministério (White, CC, s.d., p. 79).

Aplicação para os nossos dias: devemos praticar o evangelismo da simpatia e do bom testemunho

Entende-se que pode haver diversas maneiras de seguir a Cristo: uns podem ser seguidores mais contemplativos e filosóficos, enquanto outros podem ser seguidores mais ativos e dinâmicos. Todavia, uma ideia era clara e consensual entre os primeiros cristãos: não deveria haver diferença entre ser discípulo e ser cristão. Tanto isso é verdade que, em João, μαθητής é frequentemente um termo utilizado para expressar proximidade e compromisso com Cristo (Jo 8:31; 13:35; 15:8); então, diríamos que “discípulo” é sinônimo de “cristão” (Coenen; Brown, s.d., p. 587). Nesse sentido, se alguém é cristão, é discípulo; ou se é discípulo, é cristão. Assim, o



discípulo é alguém que segue a Cristo, que é aprendiz Dele e vive em compromisso com Ele.

Pode haver diferentes estilos de seguir a Cristo, mas para os primeiros cristãos não havia separação entre ser cristão e ser discípulo. O discípulo é alguém que vive em compromisso com Cristo (Jo 8:31; 13:35; 15:8). Nossa missão é “fazer discípulos” (Mt 28:19), capacitando crentes a testemunharem e formarem novos discípulos (Bright, 1997, p. 91).

A igreja tem funções importantes, mas não existe como fim em si mesma, e sim como meio de continuar o ministério de Cristo. Por isso, “a igreja não apenas tem uma missão; a igreja é uma missão” (Bright, 1997, p. 610). Mas a missão da igreja deve ser cumprida por cada membro individualmente. White afirma: “Todo o que haja recebido a Cristo é chamado a trabalhar pela salvação de seus semelhantes” (White, AA, s.d., p. 110).

A autora adverte contra a substituição do esforço pessoal por estruturas organizadas. Cristo confiou aos Seus seguidores uma obra individual, que exige esforço pessoal e responsabilidade (White, CBV, s.d., p. 147). Deus espera que cada crente trabalhe conforme sua capacidade (White, T4, s.d., p. 397). Cada membro da igreja tem de cumprir a missão. Esse pensamento é reforçado por Ellen G. White ao afirmar que “longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo sua habilidade” (White, AA, s.d., p. 111).

O envolvimento pessoal na missão é tão importante que Ellen G. White argumenta que o recebimento da graça da salvação implica participação na missão. Ela diz:

A todos quantos se tornam participantes de Sua graça o Senhor indica uma obra em benefício de outros. Cumpre-nos estar, individualmente, em nosso posto, dizendo: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6:8). Sobre o ministro da Palavra, a enfermeira missionária, o médico cristão, o cristão individualmente, seja ele comerciante ou fazendeiro, profissional ou mecânico — sobre todos repousa a responsabilidade. É nossa obra revelar aos homens o evangelho de sua salvação. Todo empreendimento em que nos empenhemos deve ser um meio para esse fim (White, CBV, s.d., p. 148).

Por último, e como espécie de síntese, White (DTN, s.d., p. 141) nos lembra que “a igreja de Cristo na Terra foi organizada para fins missionários, e o Senhor deseja ver a igreja inteira idealizando meios pelos quais elevados e humildes, ricos



e pobres, possam ouvir a mensagem da verdade”. Portanto, “devemos viver neste mundo para ganhar almas para o Salvador” (White, SC, s.d., p. 72).

O Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos

Ao encerrar a perícopes de Atos 2:42-47, está escrito: “O Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos.” A igreja apostólica cresceu de maneira impressionante; observa-se este desenvolvimento:

- Atos 1:15: 120 membros.
- Atos 2:41: 3 mil membros.
- Atos 4:4: 5 mil membros.
- Atos 5:14: uma multidão é agregada à igreja.
- Atos 6:7: o número dos discípulos é multiplicado.
- Atos 9:31: a igreja se expande para a Judeia, Galileia e Samaria.
- Atos 16:5: igrejas são estabelecidas e fortalecidas no mundo inteiro.

Peter Lange diz: “Nada conduz mais eficazmente à conversão dos incrédulos do que a harmonia e a alegria dos cristãos” (Lange *et al.*, 2008, p. 59). De fato, o crescimento pode ser considerado resultado, em primeiro lugar, da atuação do Espírito Santo. A igreja reconhecia que o grande número de conversões se devia ao Senhor, não a seus membros (Nichols, 2014, p. 141).

Entretanto, deve-se destacar a atitude de louvar a Deus e contar com a simpatia do povo. Era como se os de fora vissem a alegria e harmonia da igreja e dissessem: “Queremos fazer parte dessa igreja!” Assim, “o crescimento externo da igreja foi um dos resultados de seu crescimento interno”; quanto mais vigorosa e pura sua vida interior, “mais poderosa e extensa é a influência sobre o mundo exterior” (Lange *et al.*, 2008, p. 58). John Wade faz uma observação altamente pertinente a respeito do crescimento da igreja em nossos dias:

Os líderes cristãos hoje estão muito preocupados com o crescimento da igreja, e com razão. Muitas fórmulas têm sido sugeridas para atingir esse crescimento. Cada uma dessas fórmulas pode ter algum valor, mas a igreja em Jerusalém, sem nenhum estudo científico ou volume de estatísticas, tinha uma fórmula bem-sucedida. Seu total comprometimento levou a um estilo de vida alegre e cativante que se mostrou irresistível para aqueles de fora de suas fileiras (Wade, 1987, p. 33, tradução nossa).



Características da comunidade cristã primitiva: ação do Espírito em Atos 2:42-47

Aplicação para os nossos dias: o povo de Deus deve crescer internamente e externamente: fortalecer os de dentro e alcançar os de fora

Sem dúvida, o desejo do Senhor é que a igreja cresça, dia a dia, em números de salvos. Entretanto, como pondera Charles Talbert, a igreja precisa se questionar: “Será que estamos cumprindo as condições bíblicas para o crescimento: uma igreja dedicada ao aprendizado, cuidado, comunhão e adoração?” Assim como a capacitação segue a petição, o evangelismo e a comunidade cristã seguem o Pentecostes (Talbert, 1984, p. 17).

É provável que teólogos, líderes ou administradores da igreja tenham observações ou críticas em relação ao crescimento numérico da igreja local. Neste sentido, nota-se dois extremos: “numerolatria” e “numerofobia”. Contudo, é imprescindível “entender que qualidade gera quantidade. A igreja [de Atos] crescia em números. Crescia diariamente por adição de vidas salvas e por ação divina” (Lopes, 2012, p. 69-70). Uma igreja simpática e amável, sal e luz, possui qualidade e também quantidade. “Cresce para o alto e também para os lados. Mostra vida e também números” (Lopes, 2012, p. 69-70).

A igreja de Jerusalém “produziu impacto na sociedade por causa de seu estilo de vida. Era comprometida com a verdade, mas não legalista; santa, mas não farisaica; piedosa, mas não com santorronice”. Os membros “eram alegres, festivos, íntegros. Eles contagiavam. O estilo de vida impactava a sociedade: melhores maridos, esposas, filhos, pais, estudantes, profissionais”. Por isso, cumpriu-se nela a vontade de Deus: “O resultado da qualidade é a quantidade. Deus mesmo acrescentava a essa igreja, dia a dia, os que iam sendo salvos” (Lopes, 2012, p. 69-70).

Antes da conclusão, é apresentado baixo um quadro que contém um resumo desta parte das ações da igreja:

Quadro 4 – Resumo de oito características da igreja apostólica

Aspecto	Resumo
1. Perseveravam na doutrina.	A igreja ensinava e estudava a Bíblia.
2. Perseveravam na comunhão.	A igreja demonstrava espírito de irmandade e fraternidade.
3. Perseveravam no partir do pão.	A igreja celebrava a Ceia do Senhor.
4. Perseveravam na oração.	A igreja tinha seu momento de falar com Deus.



5. Havia temor.	A igreja demonstrava reverência, respeito a Deus.
6. Perseveravam unânimes no templo.	Para a igreja, o templo era um lugar precioso e necessário para as pessoas.
7. Contavam com a simpatia de todo o povo.	A igreja vivia uma vida de louvor a Deus e, como resultado, era elogiada pelo povo.
8. O Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos.	Havia na igreja grande crescimento numérico, em termos de batismo.

Fonte: elaborado pelos autores.

CONCLUSÃO

A perícope de Atos 2:42-47 oferece à teologia bíblica um retrato condensado e teologicamente carregado da identidade e missão da igreja primitiva. Como fruto direto do derramamento do Espírito, a comunidade é apresentada não apenas como uma coletividade sociológica ou litúrgica, mas como uma realidade escatológica inaugurada pela exaltação de Cristo e mediada pela ação contínua do Espírito. A descrição lucana não visa apenas narrar o que aconteceu, mas oferecer um modelo de igreja orientado pela Palavra, sustentado pela comunhão, animado pela oração e mobilizado pela missão.

Neste sentido, a narrativa lucana cumpre um papel estratégico: ao concluir a unidade de Atos 1–2, ela estabelece uma ponte entre o evento do Pentecostes e a vida ordinária da comunidade messiânica. A prática constante do ensino apostólico, da κοινωμία, da fração do pão e das orações, revela a integração entre fé e vida, doutrina e prática, espiritualidade e ética comunitária. A repetição de termos e estruturas sintáticas, aliada ao uso do tempo imperfeito e participios presentes, reforça a ideia de continuidade e perseverança na vida da comunidade. É uma eclesiologia vivida sob a dinâmica do Espírito e orientada para a missão.

Teologicamente, Atos 2:42-47 apresenta uma comunidade moldada pela Palavra e pelo Espírito, que vive sob o senhorio de Cristo exaltado e manifesta concretamente os sinais do Reino de Deus. Trata-se de uma pneumatologia encarnada na práxis eclesial: o Espírito que desceu no Pentecostes é o mesmo que gera comunhão, impulsiona o ensino, promove a partilha e sustenta a missão. A igreja aparece, assim, como expressão visível da nova humanidade escatológica, sinal e instrumento do Reino já presente, ainda que não plenamente consumado.



Embora a comunidade de Jerusalém não represente um modelo absoluto a ser rigidamente copiado, sua descrição por Lucas deve ser interpretada como paradigma normativo-teológico. Sua vida comunitária reflete os fundamentos apostólicos da fé cristã e oferece diretrizes para a igreja contemporânea quanto à centralidade da Palavra, à prioridade da oração, ao compromisso com a comunhão e ao envolvimento na missão. A igreja de Atos não era perfeita, mas estava cheia do Espírito, centrada em Cristo e profundamente comprometida com a proclamação do Evangelho. Assim, temos muito a aprender com ela.

A perícopes em análise permanece atual e desafiadora. Ela nos interpela como modelo de espiritualidade comunitária e de vivência eclesial integrada. Em tempos marcados pelo individualismo, descontinuidade e fragmentação da fé, Atos 2:42-47 nos convida a redescobrir o sentido teológico da igreja como corpo do Cristo exaltado e comunidade do Espírito. A missão, o crescimento, a alegria e a unidade não são resultados de estratégias humanas, mas do agir de Deus. Que a igreja contemporânea, mesmo em sua fragilidade, seja também um espaço onde se experimente e se proclame com poder o Reino de Deus. Não se trata de um programa humano que se busca implementar para alcançar a presença do Espírito, mas de um testemunho de que, onde o Espírito age, essas práticas e frutos se manifestam como resultado natural de Sua obra vivificadora.

REFERÊNCIAS

ANDREASEN, M. L. The Ordinances of the Lord's House. *Ministry*, Jan. 1947, p. 5-6; 44; 46. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/1947/01/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. *Nisto cremos*. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

AUNE, D. E. *The New Testament in its literary environment*. Philadelphia: The Westminster Press, 1989.

BALZ, Horst R.; SCHNEIDER, Gerhard. προσκαρτερέω *proskartereō*. In: BALZ, Horst R.; SCHNEIDER, Gerhard (org.). *Exegetical dictionary of the New Testament*, v. 3. Grand Rapids: Eerdmans, 1990—, p. 172.

BARRETT, C. K. *A critical and exegetical commentary on the acts of the Apostles*. Edinburgh: T&T Clark, 2004. (International Critical Commentary).



BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLEVINS, D. G.; MADDIX, M. A. **Discovering Discipleship: Dynamics of Christian Education**. Kansas City: Beacon Hill Press, 2010.

BLOMBERG, C. L. **Jesus e os Evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

BOOR, W. de. **Comentário Esperança: Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BOVON, F. **Das Evangelium nach Lukas (Lk 1,1-9,50)**. Zürich: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1989. (Evangelisch-Katholischer Kommentar Zum Neuen Testament, III/1).

BRIGHT, B. **5 Steps to Making Disciples – Leader’s Guide**. Orlando: New Life Publications, 1997.

BRUCE, F. F. **The Book of the Acts**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988. (The New International Commentary on the New Testament).

CAMPOS, H. C. Crescimento de Igreja: Com Reforma ou com Reavivamento?. **Fides Reformata**, 1(1), 1996, não paginado. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/4_Crescimento_de_Igreja_Com_Reforma_ou_com_Reavivamento_Heber_Campos.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

CHRYSOSTOM. Homilies on Acts 7. In: SCHAFF, P. (Ed.). **Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series, V. 11**. New York: Christian Literature Publishing Co., 1889. Reimpressão: Peabody: Hendrickson, 1999.

COENEN, L.; BROWN, C. (Orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, s.d.

DORMEYER, Detlev; GALINDO, Florencio. **Comentario a los Hechos de los Apóstoles: modelo de nueva evangelización**. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2010. (Coleção Evangelio y cultura, v. 4).

GANGEL, K. O. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1998. (Holman New Testament Commentary, v. 5).

GRENZER, Matthias. Em defesa da criança (Ex 1,15-2,10). **Revista de Cultura Teológica**, v. 55, p. 25-37, 2006.

HAUCK, F. κοινός, κοινωνός, κοινωνέω, κοινωνία, συγκοινωνός, συγκοινωνέω, κοινωνικός, κοινός. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (eds.). **Theological Dictionary of the New Testament V. 3**. Grand Rapids: Eerdmans, 1965 p. 789-809.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da Igreja**. 23. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2023.



- JOHNSON, Luke T. **The Acts of the Apostles**. Collegeville: The Liturgical Press, 1992. (Sacra Pagina Series, v. 5).
- KEENER, Craig S. **Acts: An Exegetical Commentary**. V. 1: Introduction and 1:1–2:47. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
- KISTEMAKER, S. **Atos v. 1. 2. ed.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016.
- KLINGBEIL, C. J.; KLINGBEIL, G. A. “Ir à igreja ou não?”. **Diálogo**, 22(1), 2010, p. 9-11, 30.
- LANGE, J. P. *et al.* **A commentary on the Holy Scriptures: Acts**. Logos Bible Software, 2008.
- LARKIN, W. J., JR. **Acts**. Downers Grove: IVP Academic, 1995. (IVP New Testament Commentary, V. 5).
- LEWIS, C. S. **Mere Christianity**. London: Geoffrey Bles, 1952.
- LOPES, H. D. **Atos: A Ação do Espírito Santo na Vida da Igreja** (J. C. Martinez, Org.). São Paulo: Hagnos, 2012.
- MARSHALL, I. H. **Acts: An introduction and commentary** (Tyndale New Testament Commentaries, V. 5). Downers Grove: InterVarsity Press, 1980.
- NICHOLS, F. D. (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Volume 6**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- PARSONS, Mikeal C. **Acts**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008. (Paideia Commentaries on the New Testament).
- PETERSON, D. G. **The Acts of the Apostles**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.
- PERVO, R. I. **Acts: A commentary on the Book of Acts** (H. W. Attridge, Org.). Minneapolis: Fortress Press, 2009.
- POLHILL, John B. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992. (The New American Commentary, V. 26).
- RODRÍGUEZ CARMONA, A. A obra de Lucas (Lucas-Atos): dimensão literária. *In*: AGUIRRE MONASTERIO, R. (eds.). **A Obra de Lucas (Lucas-Atos)**. Traduzido por Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 265-366. (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 6).
- RODRÍGUEZ CARMONA, A. Historia de la exégesis Lucana. *In*: AGUIRRE MONASTERIO, R. (eds.). **La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX**. 3. ed. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2008, p. 277-283. (Introducción al estudio de la Biblia, v. 11).
- STERN, David H. **Jewish New Testament Commentary: a companion volume to the Jewish New Testament**. Electronic ed. Clarksville: Jewish New Testament Publications, 1996.



STOTT, J. R. W. **The message of Acts: The Spirit, the church & the world.** Downers Grove: InterVarsity Press, 1994.

TALBERT, C. H. **Acts.** Atlanta: John Knox, 1984.

TURNER, Max. Luke and the Spirit: Renewing Theological Interpretation of Biblical Pneumatology. In: BARTHOLOMEW, Craig G.; GREEN, Joel B.; THISELTON, Anthony. (ed.). **Reading Luke: Interpretation, Reflection, Formation.** Grand Rapids: Zondervan; Carlisle: Paternoster Press, 2005. p. 267–293. (Scripture and Hermeneutics Series, v. 6).

WADE, J. W. **Acts: Unlocking the Scriptures for You.** Cincinnati: Standard, 1987.

WHITE, E. G. **A Ciência do Bom Viver [CBV].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos.** 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

WHITE, E. G. **Caminho a Cristo: Passos que conduzem à verdadeira felicidade [CC].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.

WHITE, E. G. **O Desejado de Todas as Nações [DTN].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas [PP].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.

WHITE, E. G. **Serviço Cristão [SC].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a Igreja, v. 4 [T4].** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, s.d.